

# **Uma reflexão bakhtiniana sobre a palavra e seus sentidos: signo ideológico, significação e tema em perspectiva dialógica**

Carolina Gonçalves da Silva

Submetido em 10 de setembro de 2016.

Aceito para publicação em 16 de novembro de 2016.

*Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 52, dezembro de 2016. p. 440-460

---

## **POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL**

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

---

## **POLÍTICA DE ACESSO LIVRE**

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016

23:59:59

# UMA REFLEXÃO BAKHTINIANA SOBRE A PALAVRA E SEUS SENTIDOS: SIGNO IDEOLÓGICO, SIGNIFICAÇÃO E TEMA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

## A BAKHTINIAN APPROACH TO THE WORD AND ITS MEANINGS: IDEOLOGICAL SIGN, SIGNIFICATION AND THEME FROM A DIALOGICAL PERSPECTIVE

Carolina Gonçalves da Silva<sup>1\*</sup>

**RESUMO:** Este artigo sugere que as noções de signo ideológico, de significação e de tema, tal como são compreendidas pelo Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volochínov, sejam mobilizadas como categorias de entrada em corpora analisados numa perspectiva dialógica do discurso. Para isso, analisa o signo verbal “maconha” a partir de sua significação dicionarizada e de seus temas enunciados na imprensa brasileira, nas duas últimas décadas. Esta proposta de abordagem dialógica do signo parte da significação em busca de outros temas potenciais, resgatados por meio do cotejamento de textos, e tem como objetivo uma compreensão mais profunda da palavra e de suas contradições ideológicas constitutivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** signo ideológico; significação e tema; Análise Dialógica do Discurso; Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volochínov.

**ABSTRACT:** This article suggests that the notions of ideological sign, signification and theme, as understood by the Bakhtin, Medviédev and Volochinov's Circle, be mobilized as gateway categories on corpora analyzed from a dialogical perspective of discourse. In order to do so, it analyses the sign maconha (marijuana) from its signification on the dictionary as well as its themes on utterances conveyed by the Brazilian press over the last two decades. This dialogical approach to the sign starts with its signification, moves towards other potential meanings, which will be rescued by collating texts, aiming at a deeper comprehension of the word and its constitutive ideological contradictions.

**KEYWORDS:** ideological sign; signification and theme; Dialogical Discourse Analysis; Bakhtin, Medviédev and Volochinov's Circle.

### 1. Introdução

As reflexões reunidas neste artigo são produto da pesquisa de mestrado na qual buscamos compreender a construção do discurso polêmico sobre a maconha, a partir da análise de enunciados veiculados pela imprensa brasileira, nas duas últimas décadas. Para isso, recorreremos ao pensamento do chamado Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volochínov, e às noções de signo ideológico, significação e tema (além do enunciado concreto, dos gêneros discursivos, das esferas de atividade humana e da polêmica,

---

<sup>1\*</sup> Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP); [carol\\_gse@yahoo.com.br](mailto:carol_gse@yahoo.com.br)

noções que não foram atenciosamente contempladas neste artigo, como foram as primeiras).

Apesar de o Círculo não falar em “categorias de análise”, tampouco numa proposta clara ou um procedimento fechado de análise do discurso (BRAIT, 2006), os estudos discursivos no Brasil encontraram nas obras dos autores russos um terreno fértil para trabalhar a relação entre sujeito, história, linguagem e ideologia, em torno de um eixo principal: o diálogo. É com base nessa proposta, a qual vem sendo chamada de Análise Dialógica do Discurso, que embasamos nossas reflexões.

Nessa perspectiva, a noção de signo ideológico tem papel central e pode ser mobilizada como uma das principais categorias de análise. Em nossa pesquisa, são os conflitos e contradições ideológicas que atravessam o signo *maconha* que sustentam a construção de um discurso polêmico sobre a planta – a qual, recentemente, voltou a ser assunto recorrente na mídia. Temos buscado, naquele trabalho, compreender o processo histórico de produção de sentidos desse signo, a disputa pelos seus significados e suas refrações na imprensa contemporânea.

Neste artigo, especificamente, sem dissociar a noção de signo da de enunciado, pois é no seio dessa relação que se constrói o sentido (MEDVIÉDEV, 2012), trataremos dos conceitos de **signo ideológico**, de **significação** e de **tema**, que foram mobilizados como categorias de entrada no *corpus* de nossa pesquisa, e daremos exemplos de “aplicação” analítica dos mesmos.

Com isso, propomos uma forma de lidar com a palavra que proporcione uma compreensão mais profunda acerca do processo histórico e ideológico de construção de seus sentidos. Enfim, acreditamos ser esse o primeiro passo para superar a superficialidade da polêmica, tal como ela é refratada na imprensa tradicional, e resgatar as contradições internas do próprio signo.

## 2. Considerações prévias sobre o signo, a significação e o tema

### 2.1. Do signo linguístico ao signo ideológico

A concepção de linguagem que adotamos é baseada no dialogismo proposto pelo Círculo de Bakhtin e implica considerar que “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, 125). Isto requer pensá-la não apenas enquanto sistema abstrato de formas linguísticas, mas em sua materialidade concreta, como um organismo vivo, produto da comunicação social, entre sujeitos reais, situados historicamente e atravessados por ideologias.

Nesse contexto, as palavras entendidas como signos linguísticos, tal como são tradicionalmente estudados pela Linguística, não podem ser mais do que “o material e os recursos da comunicação verbal, e não a própria comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 346) – cuja essência é, para o Círculo, o diálogo. Afinal, quando é estudada apenas como elemento do sistema da língua, em relação com outros elementos internos, ignora-se a ligação entre a palavra e a vida, entre o signo e os sujeitos que dele se valem para se comunicarem. É necessário, então, inseri-la no contexto de num enunciado concreto, dar-lhe um acabamento específico.

Para nós, não interessam apenas as propriedades linguísticas do signo, tampouco seu significado dado e isolado, descolado do acontecimento da palavra num

determinado contexto social. Por isso, nosso objeto de estudo não é o signo linguístico, senão o **signo ideológico**. Inicialmente, a natureza ideológica da palavra se refere a sua carga axiológica e isso quer dizer que, na perspectiva bakhtiniana, ela é sempre carregada de valoração e produz um juízo crítico, uma avaliação sobre algo. Afinal, “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 96).

Assim, a palavra *maconha*, neste artigo, será sempre analisada enquanto lugar de embate entre pontos de vista distintos sobre a planta, ou seja, como espaço de conflito ideológico – mesmo no dicionário, que não é isento de ideologia. Quanto à natureza ideológica da palavra, vale ressaltar que esse valor axiológico, que os diferentes pontos de vista que ali se entrecruzam, não são individuais, mas constituem juízos de valor social.

Afinal, para o Círculo, a ideologia não é do domínio do indivíduo, do campo das ideias ou da psicologia, mas só se cria no processo de comunicação social (MEDVIÉDEV, 2012). A “palavra se apresenta, portanto, como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.66).

Assim, os sentidos do signo *maconha*, e de qualquer outro produto ideológico, não variam em função dos critérios e opiniões pessoais, mas de acordo com os valores de grupos e classes; com as condições sócio-históricas e político-econômicas e, finalmente, se “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.31), com os posicionamentos ideológicos possíveis no interior de uma esfera/campo.

Na perspectiva do Círculo, quaisquer palavras, corpos físicos, imagens artísticas, instrumentos de produção, produtos de consumo, objetos naturais, sons, gestos, cores, corpos vivos, cerimônias religiosas, enfim, qualquer objeto/fenômeno da realidade material pode ser um produto ideológico (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006; MEDVIÉDEV, 2012).

No entanto, a transformação desses objetos e fenômenos concretos em produtos ideológicos só ocorre quando eles adquirem sentido para além de sua existência material, quando passam a significar algo, para alguém, num dado contexto sócio-histórico – quando são revestidos de sentido simbólico, de um valor social. Nesse momento, as palavras deixam de ser mera “representação” da realidade (apenas um reflexo de elementos que a constituem), e tornam-se refrações da mesma, pois são deformadas pelo ponto de vista daqueles que a empregam no ato comunicativo. Produz-se, portanto, uma avaliação sobre o signo, que o transforma em signo ideológico.

Por ser capaz de “refletir” a realidade em pleno acontecimento, de registrar as transformações sociais, o signo será sempre um indicador das mudanças na sociedade, “mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.40). Importa-nos, então, essa natureza social e dinâmica do signo ideológico, não apenas aquilo que se repete historicamente no senso comum que se construiu em torno dele.

Finalmente, se a palavra enquanto signo ideológico “quer ser ouvida, compreendida, respondida [...], entra num diálogo em que o sentido não tem fim” (BAKHTIN, 1997, p. 357), nossas análises não podem almejar mais do que resgatar alguns fios da trama dialógica do discurso sobre a maconha – já que esgotar seus sentidos potenciais jamais seria possível.

## 2.2 Significação e tema

Quando se trata de analisar, na perspectiva do Círculo, o processo de produção de sentidos de uma palavra, entendida como signo ideológico, a distinção entre significação e tema é relevante. De acordo com a concepção dialógica da linguagem, a **significação** é apenas uma dimensão do signo (ou do enunciado), caracterizada por seus “elementos reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos”, e é fruto de uma convenção social (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 132), como a palavra e seu sentido dicionarizado.

No entanto, se “é a pluralidade de acentos valorativos que dá vida à palavra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 109) e que a transforma em signo, a significação é apenas um sentido potencial, historicamente construído e reiterado até sua estabilização. Para Medviédev (2012, p.183), “entre a realidade da palavra isolada e seu significado há uma ruptura” quando de sua dicionarização, pois esse signo perde sua ligação com a vida, torna-se fruto de uma convenção.

Também para Bakhtin/Volochínov (2006, p.108), a significação dicionarizada é de natureza normativa e se apresenta descontextualizada, como um recorte único da realidade, como uma tentativa de congelar os sentidos de um signo, restringindo suas possibilidades de significar. Na perspectiva do Círculo, é possível chamar esses sentidos possíveis (de um signo ou de um enunciado) de temas e seus sentidos convencionais, relativamente estabilizados, de significação.

Assim, a significação seria “um estágio inferior da capacidade de significar, e o tema, um estágio superior da mesma capacidade” (CEREJA, 2005, p.202). O **tema** é, ao contrário da significação, “individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 131) e, por isso, não se dissocia dela:

o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. [...] O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.132).

Os temas são, então, sentidos atualizados de acordo com as condições de produção de cada enunciado em que um signo se manifesta e, por isso, graças a seu caráter dinâmico e flexível, se diferenciam da significação (apesar de estabelecerem entre si uma relação de interdependência). Foi devido a essa interdependência signo-enunciado-significação-tema que trouxemos, sempre que possível, enunciados concretos em que fosse possível observar o acontecimento dos signos e a atualização de seus valores em determinados contextos sócio-históricos.

Em nossa pesquisa, interessam ambos: a significação, inicialmente, porque oferece uma visão geral sobre o processo de estabilização de sentidos e de construção de um senso comum – já que o léxico da língua, fixado no dicionário, estabelece não apenas os sentidos de uma palavra, mas os valores e as práticas discursivas dominantes numa comunidade linguística; e os temas, porque é justamente a atualização (o reforço, a desconstrução, a reconstrução) desse senso comum na mídia que interessa diretamente às fases posteriores da pesquisa.

Não analisamos propriamente os enunciados concretos que compõem o *corpus* da pesquisa que, no entanto, não podem ser deixados de fora, já que a intenção é observar o signo no seu acontecimento real. O que apresentamos aqui é, portanto, apenas uma etapa da análise dialógica do signo – representa um movimento de entrada no estudo de determinadas materialidades discursivas –, que continua com o estudo de sua ocorrência em enunciados, num dado gênero, numa dada esfera, num tipo específico de discurso.

### 3. Significação e senso comum: o signo *maconha* na imprensa e no dicionário

#### 3.1. *A maconha na imprensa brasileira entre o século XX e XXI: polêmica ou consenso?*

Os enunciados do *corpus* que, afinal, motivaram nossa investigação, compõem o primeiro espaço de observação de ocorrência do signo em contexto. Tendo circulado no gênero discursivo capa de revista, mais especificamente em revistas brasileiras impressas de grande circulação, dos últimos vinte anos, esses enunciados, aparentemente, sugerem que a polêmica da maconha (portanto, a disputa pelos sentidos desse signo), vinha tendo bastante espaço também na esfera jornalística.

Entretanto, um olhar dialógico para esse *corpus* tem mostrado que, a despeito da complexidade da polêmica sobre a maconha e das contradições históricas que atravessam esse signo, seus sentidos possíveis em espaços conservadores, como as capas de revistas de grandes grupos de mídia brasileiros, variam pouco. Vejamos nos enunciados a seguir:

- (1) **Maconha**, um **remédio proibido**? (SUPERINTERESSANTE, 1995)
- (2) A **medicina** avalia os **prós e contras** da **maconha**. (GALILEU, 2001)
- (3) Eu fumo **maconha**. Um número cada vez maior de brasileiros ignora **a lei** e usa a **droga**. (ÉPOCA, 2001)
- (4) **Maconha**. Por que é **proibida**? O que aconteceria se fosse **liberada**? Como a **ciência** aumentou seus efeitos? **Faz mal** à saúde? (SUPERINTERESSANTE, 2002)
- (5) **Maconha**. É hora de **liberar**? Violência do **tráfico** reacende **debate**: o Brasil está pronto para a **descriminalização**? (GALILEU, 2007)
- (6) **Maconha**. Por que é preciso **debater** a **legalização** do uso da **droga** (ÉPOCA, 2009)
- (7) A **ciência** da **legalização** da **maconha**. Alguns dos mais importantes **cientistas** do Brasil estão saindo de seus laboratórios para defender que a **droga** seja **legalizada**. Entenda o que está por trás dessa **discussão**. (GALILEU, 2010)

- (8) **Maconha**. As novas descobertas da **medicina** cortam o **barato** de quem acha que ela não **faz mal**. (VEJA, 2012)
- (9) **Maconha**. Sim, **faz mal**. Mas **proibir** não é pior? O grande **laboratório** da **legalização** começa no Uruguai e nos EUA em 2013. (GALILEU, 2013)
- (10) **Maconha** USA. Repórteres de Veja foram aos Estados Unidos e ao Uruguai saber o que muda na vida das pessoas quando a produção, a venda e o uso da **droga** são **legalizados** – e viram um **negócio altamente lucrativo**. (VEJA, 2013)
- (11) **Maconha** na **farmácia**. Como José Mujica, presidente do Uruguai, e sua **política** de **drogas** podem influenciar a América do Sul. (CARTA CAPITAL, 2013)
- (12) A **revolução** da **maconha**. O mundo começou a ver a **planta** de outro jeito. Entenda por quê. (SUPERINTERESSANTE, 2013)
- (13) Brasil vai **liberar** o **remédio** de **maconha**. **Anvisa** autoriza na próxima semana a importação de **medicamentos** feitos a partir da **droga**. Conheça os benefícios já comprovados para os **doentes** que se tratam com derivados da **cannabis** e saiba como essa decisão vai influenciar o **debate** sobre a **descriminalização** da **maconha**. (ISTOÉ, 2014)<sup>2</sup>

Os enunciados de (1) a (13) foram extraídos das publicações de maior tiragem na imprensa brasileira. Esta, ainda que esteja numa crise sem precedentes, diante do acesso do leitor às notícias em meios digitais, ainda representa um espaço de privilégio no interior da esfera midiática. Afinal, são as capas dessas revistas de grandes grupos de mídia que aparecem expostas em espaços públicos – bancas de jornal e supermercados, salas de espera e bibliotecas, nas redes sociais, blogs e páginas jornalísticas e até na TV (como fonte das notícias ali veiculadas) –, estabelecendo um vínculo com o leitor potencial que, mesmo sem comprar o exemplar, tem acesso às correntes de pensamento dominantes no país.

Mesmo sabendo que é pequena a parcela da população que lê esse tipo de revista, a difusão dos valores construídos nesses espaços está, portanto, garantida pela ampla circulação do gênero capa. Em cada uma delas, o que vemos é uma réplica de um amplo debate, cujo eixo central é o signo *maconha*. O termo, frequentemente isolado numa posição de destaque no início da oração principal, aparece nos enunciados do *corpus*, de maneira geral, com uma valoração mais ou menos negativa, que varia pouco, mas de acordo com as circunstâncias sócio-históricas e político-econômicas, que determinam o que pode ou não ser enunciado sobre aquele signo naquela esfera.

Nos enunciados de (9) a (11), por exemplo, há referências mais claras às condições reais que, no ano de 2013, permitiram a circulação do signo *maconha* com uma valoração “menos negativa”, mesmo em espaços como a imprensa tradicional: as mudanças nas legislações sobre drogas de países como EUA e Uruguai (que aconteceram naquele ano) parecem justificar a retomada do assunto na mídia. A “reciclagem” de uma polêmica que dura quase vinte anos nas capas das revistas é legitimada, então, pelo discurso político internacional e tratada com algum entusiasmo, como se nota no uso do hiperbólico termo *revolução*, em (12).

No entanto, o novo e o revolucionário pouco se manifestam nos enunciados do *corpus*. A polissemia da palavra fica restrita pela homogeneização dos discursos e pelos valores da esfera jornalística (principalmente da imprensa tradicional), que incorpora os valores das esferas política e científica. Ali, a significação parece estabilizar-se de maneira tão sólida que, antes da recente redescoberta do potencial lucrativo (10) e do

<sup>2</sup> Destaques adicionados em todos os enunciados.

poder medicinal da maconha (13) – ambos já conhecidos há séculos, como mostraremos a seguir –, a polêmica anunciada pela mídia não superava aquele nível mais superficial de oposições como *proibir/liberar; faz bem/faz mal*.

No entanto, quando se aprofunda a compreensão dialógica do signo (e desses enunciados que ele constitui), chega-se aos debates políticos, às questões socioeconômicas e aos conflitos ideológicos que ele encerra. No interior do signo *maconha* estão em jogo não só a proibição, como em (1) e (3); a liberação, como em (4) e (5); a descriminalização, como em (5) e (13), ou a legalização, como em (6), (7), (9) e (10) da maconha. Está em jogo, também, seu valor social enquanto planta, em (12); ou droga, como em (3), (4), (5), (6), (7), (9) e (10); ou, ainda, como medicamento, em (1), (11) e (13).

Estão em jogo as imagens do sujeito “maconheiro”, enquanto viciado – que é, também, criminoso, como em (3) –; enquanto traficante, responsável pela violência, como em (5); ou, mais recentemente, como um paciente em tratamento, o que vemos em (13). Negociam-se e questionam-se, também, as certezas inabaláveis da ciência, como em (2), são visualizadas com mais clareza as possibilidades de lucro do capitalismo, motivadas pelo valor de troca que a planta adquiriu nos últimos anos, como se vê em (10) – o que pode ser indício de que essa mudança latente na valoração do signo vai se direcionando à concretização.

Esse primeiro contato com o signo a partir de seu acontecimento no *corpus*, mostra que o embate na imprensa se limita a vozes sociais de prestígio e a discursos legitimadores dos valores de grupos e classes sociais dominantes. Na maioria dos enunciados do *corpus* apenas se reafirma aquilo que pode ser socialmente aceito, uma vez que foi validado pelo discurso da lei (que a maconha é uma droga ilícita) ou, mais recentemente, da ciência (que ela pode ser um remédio), – sempre autorizados pelo discurso do mercado (que ela pode se converter em lucro). Pode não haver, nesses enunciados, espaço para outras vozes que dialogam no interior da polêmica da maconha, mas há, sem dúvida, alguma disputa pelos sentidos desse signo, sobre a qual é possível compreender mais.

### 3.2 Significação e estabilização de sentidos: a planta que é droga

O primeiro momento de observação do signo em acontecimento mostrou que seu sentido mais recorrente na imprensa é o de droga proibida e, mais recentemente, medicamento, de acordo com o que permite a lei, com o que é confirmado pela ciência, com o que é potencialmente lucrativo para o mercado. Imaginando que o dicionário seja o espaço onde o falante procura esclarecer suas dúvidas quanto aos sentidos potenciais de uma palavra, recorreremos a ele na busca de confirmar se são esses os sentidos estabilizados no léxico da língua portuguesa no Brasil, ou seja, se a mídia apenas reproduz o senso comum que ali se cristalizou.

Apesar de ser geralmente tratado como espaço de “neutralidade”, vale notar, que o dicionário não é lugar livre de valoração. Por trás dos lexemas dicionarizados – que se pretendem reflexos da realidade, quando nos fornecem descrições e definições sobre objetos e fenômenos do mundo real –, também há uma construção de sentidos que segue o curso da história, realizada por sujeitos, atravessada pelos valores de grupos e classes aos quais eles pertencem. Vejamos o caso da palavra maconha:

**Maconha** ma-co-nha (sf) 1 **BOT** Ver **cânhamo**, acepção 1. 2 **Droga** que provoca **efeito entorpecente**, preparada com as folhas, ramos e flores do **cânhamo**, secos e triturados, **consumida como tabaco**. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES. SIN: *aliamba, bagulho, bango, banguê, bengue, birra, chá, diamba, dirígio, diríjo, erva, fuminho, fumo, jererê, liamba, marijuana, massa, nadiamba, pango, riamba, tabanagira, umbaru*. ETIMOLOGIA: *quimb. makaña*. (MICHAELIS, 2016. Destaque nosso).<sup>3</sup>

Aqui, não circulam descrições neutras sobre uma planta, “refletidas” na palavra, mas valorações sobre ela, refrações que lhe atribuem o sentido de droga. O hiperônimo, aliás, é recorrente na mídia – como evidenciam os enunciados (3), (6), (7), (10) e (13) –, e marca uma tomada de posição no diálogo sobre a maconha. O uso desse termo deixa claro que não se trata de uma planta ou um medicamento. Trata-se, quase sempre, do sentido genérico do termo que, no mesmo dicionário, é a “substância *alucinógena, entorpecente* etc. cujo uso, além de alterar o humor e o comportamento, pode levar à *dependência* [...]; à prática de diferentes modalidades de *crimes* [...]” (MICHAELIS, 2016. Destaque nosso).

Enquanto a planta, no dicionário, é avaliada negativamente, como qualquer outra droga, aquele que a consome é potencialmente valorado como criminoso ou como viciado – ainda que apenas 10% dos consumidores de drogas sejam usuários problemáticos ou dependentes (UNODC, 2015). Sendo assim, como foi construído, então, esse senso comum, registrado no dicionário, reproduzido pela mídia sobre as drogas e, mais especificamente, sobre a maconha e o maconheiro? Como a planta se transformou em droga? Quais ideologias perpassam esse processo de construção de sentido?

As relações de sinonímia pressupostas pelo dicionário são fonte de indícios valiosos na tentativa de apontar respostas possíveis a essas questões e de esboçar uma história do senso comum, para o qual alguns sentidos dos signos permanecem não ditos, (pelo menos em esferas e espaços discursivos mais conservadores).

O primeiro sinônimo que observamos é o signo *cânhamo*, ao qual somos direcionados quando consultamos o termo *maconha*, no Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2016):

**Cânhamo** câ-nha-mo (sm) 1 **BOT** Erva centro-asiática da família das moráceas (*Cannabis sativa*), de folhas compostas, finamente serradas, flores unissexuais e inconspícuas, frequentemente cultivada por ser **importante fornecedora** de **fibras têxteis, resistentes**, próprias para a fabricação de cordões e tecidos grossos. Os ramos, folhas e flores, cortados e dessecados, **são usados como droga alucinógena** (maconha e haxixe); banguê, bengue, cânave, cânhamo-da-índia, cânhamo indiano, cânhamo-verdadeiro, diamba, liamba, linho-cânhamo, maconha, marijuana, nadiamba, riamba. 2 **TECEL** Fio extraído dessa planta: “*E a chorar, limpando, aflita, as lágrimas no avental de cânhamo, suplicou à Bruxa, pelas alminhas do purgatório [...]*” (AA1). 3 **BOT** Designação que se dá a outras **plantas têxteis**, porém de famílias diferentes. ETIMOLOGIA *esp cáñamo*.

Apesar de sinônimos, os termos não são equivalentes e as diferenças entre eles são significativas. Os dois signos em diálogo “representam” verbalmente o mesmo corpo físico, a mesma erva cientificamente chamada de *Cannabis sativa*. Porém,

<sup>3</sup> Seja na versão impressa do referido dicionário ou em outros que consultamos ao longo da pesquisa, poucas foram as variações encontradas.

enquanto a palavra *maconha* se refere à planta que é droga, *cânhamo* se relaciona principalmente à planta que é matéria-prima.

Muito mais é dito sobre este último termo, mesmo que ele não seja o termo mais usado no cotidiano dos falantes de português brasileiro. Há informações a respeito da origem (centro-asiática) do cânhamo, seu nome científico (*Cannabis sativa*), seus usos práticos – da fibra na indústria têxtil e das folhas, flores e ramos no preparo de “drogas alucinógenas”, como o haxixe e a maconha-, sua descrição botânica (folhas compostas, serreadas, flores unissexuais). Além da etimologia (do espanhol, *cáñamo*) e de uma lista de quinze sinônimos, o verbete traz, também, uma citação de autor brasileiro célebre em que o termo ocorre, autorizando o uso da palavra *cânhamo*, dado seu reconhecimento no contexto literário.

É possível dizer, portanto, que neste verbete se entrecruzam dizeres “oficiais” sobre a planta – investigada historicamente, nomeada cientificamente, explorada industrialmente, citada na literatura. *Cânhamo* é, então, o termo reconhecido oficialmente na “linguagem culta”, nos contextos formais e, não coincidentemente, também é o espaço em que é possível valorar o signo positivamente, como fonte de uma matéria-prima útil e resistente, conforme mostram os destaques nos adjetivos *importante* e *resistente*, usados para descrever a planta.

Já no verbete *maconha*, há pouco mais do que um link para a primeira acepção de *cânhamo* e uma lista composta de mais de vinte outros nomes pelos quais ela é popularmente reconhecida. A palavra *maconha* seria, então, aquela que está mais diretamente ligada aos discursos cotidianos, à “cultura popular”. A relação que o dicionário estabelece entre esses dois signos, inicialmente de sinonímia, revela, na verdade, uma relação de contrastes, de oposição: entre o oficial e o cotidiano, o popular e o científico, o lucrativo e o recreativo, o dito e o silenciado.

Outra relação importante que se estabelece na arena do signo, é entre a palavra, a planta e os sujeitos que supostamente a utilizam. Isto quer dizer que a valoração de cada signo, *cânhamo* ou *maconha*, bem como as respectivas avaliações que eles produzem sobre a planta neles refletida/refratada, não estão ligadas apenas às aplicações práticas do vegetal – industrial ou entorpecente, respectivamente –, mas também a seus consumidores (sobre os quais também são produzidas valorações e ao papel social que desempenham na base econômica da sociedade).

É possível sustentar essa afirmação com base nas informações complementares do verbete: *maconha*, do quimbundo (*quimb.*). Como resultado da presença africana no Brasil, a língua falada em Angola deixou suas contribuições para o português brasileiro no período de três séculos de regime escravista e, como qualquer produto ideológico da cultura africana no país, não passou ilesa por esse longo período de estigma e marginalização social do negro e de suas práticas culturais.

A relação estabelecida entre a cultura africana e o signo *maconha* pode indicar que a consolidação das valorações negativas do termo (que se refere à droga e não ao remédio, tampouco às práticas espirituais ou terapêuticas), da planta e de seu consumidor, no senso comum, advêm desse simulacro do escravo como usuário recreativo da droga – ainda que o uso pudesse ser medicinal ou religioso; ainda que portugueses e navegantes, por exemplo, também conhecessem tanto as fibras do cânhamo, quanto o narcótico dele derivado (CITAR).

Cabe salientar, ainda, que no verbete *maconha*, o efeito daquilo que não é dito parece ser tão relevante quanto aquilo que foi verbalmente enunciado: não se explica a classificação da planta como droga (se é legal, ilegal, medicinal), tampouco seus efeitos

(estimulante, perturbadora, depressiva) – como acontece, por exemplo, com o verbete *cocaína*, no mesmo dicionário. Não há, devido à objetividade do gênero verbete, menção a outros sentidos possíveis para esse signo, produzidos por outras práticas culturais (que podem estar relacionados às propriedades religiosas, terapêuticas, místicas, recreativas ou médicas da planta). Não se tem registro de ocorrência da palavra na literatura, como há no verbete *cânhamo*.

Mesmo que tudo isso esteja na dimensão do não-dito, é possível resgatar, no próprio verbete, vestígios do que não se diz, da relação entre a palavra e os sujeitos, as classes, os grupos sociais e as ideologias, enfim, os aspectos extralinguísticos que a atravessam e que constituem seus sentidos. Na última seção, por meio do cotejamento de textos, poderemos apontar alguns indícios dessas relações dialógicas tão complexas.

#### 4. O signo ideológico *maconha* em outras esferas

Nesta seção, recorreremos a outros termos com os quais o signo *maconha* estabelece relação de sinonímia no dicionário. Realizamos, também, cotejos com enunciados de outros gêneros discursivos e esferas de atividade, que pudessem fornecer pistas sobre o contexto sócio-histórico e as circunstâncias político-econômicas de utilização de tais signos; sobre os sujeitos e comunidades linguísticas que lhe atribuíram valor; sobre as práticas discursivas e culturais dessas sociedades e sobre as formas da língua de refletir/refratar tudo isso.

Esses movimentos de cotejo pretendem colocar os enunciados do *corpus* em diálogo “com outros enunciados fazendo emergirem mais vozes para uma penetração mais profunda no discurso, sem silenciar a voz que fala em benefício de um já dito que se repete constantemente” (GERALDI, 2012, p.27-28). É o próprio Bakhtin (1997, p. 404-405) quem afirma que “a compreensão é o cotejo de um texto com os outros textos. [...] Compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo (no meu contexto, no contexto contemporâneo, no contexto futuro)”.

Para Geraldi (2012, p. 29-30), cotejar enunciados “é a única forma de desvendar os sentidos” e, ao adotar esse procedimento metodológico, esperamos recuperar, ainda que parcialmente, “a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem.” (GERALDI, 2012, p.33).

O cotejo parte da extensa lista de sinônimos apresentada nos verbetes consultados. Aqui, eles se convertem em pistas linguísticas que orientam o processo de reconstrução dos sentidos desse signo. A primeira delas é a própria diversidade de termos, de várias origens, que revela uma história global da erva.

Originária da Ásia central, conforme se lê no verbete *cânhamo*, dali, ela teria se espalhado por todo o mundo, tendo sido nomeada segundo termos de origem hindu, como *bangué* (do hindi, *bhang*); árabe, como *haxixe* (*ḥašīš*); africana, como *diamba* (do quicongo, *dyamba*) e *maconha* (do quimbundo, *makaña*); europeia, como *Cannabis* (do grego, *kánnabis*) e *cânhamo* (do espanhol, *cáñamo*) – conforme apresenta a etimologia desses termos no mesmo dicionário. Selecionamos alguns deles para orientar o caminho do cotejamento descrito a seguir.

##### 4.1 Na esfera religiosa. Do *bhang* à *ganjah*: uma erva sagrada

No dicionário consultado, a definição da palavra *banguê* nos leva de volta à segunda acepção do verbete *maconha* (aquela que a define como droga), e não diz mais do que a origem do termo (*bhang*, do hindustani, língua falada no norte da Índia). No entanto, em alguns contextos da cultura hindu, o signo pode refletir/refratar verbalmente a imagem de uma erva sagrada e não necessariamente de uma droga. Fumada ou ingerida num preparado líquido, os efeitos narcóticos da maconha possibilitariam uma ligação com o sagrado, principalmente com a figura de *Shiva* (ROBINSON, 1999).

O uso religioso da Cannabis na porção oriental do mundo não se restringiu à cultura hindu. Na África, por exemplo, a planta também era usada tanto como sacramento quanto como remédio (ROBINSON, 1999). Apesar de não encontrarmos o tema da planta enquanto *erva sagrada* nem no dicionário de língua portuguesa, tampouco na imprensa brasileira, ele não desapareceu na contemporaneidade. No rastafarianismo, tal como se desenvolveu na América, mais especificamente na Jamaica, as práticas eucarísticas que envolvem a *ganjah*, como é chamada a *Cannabis* nesse contexto, fazem parte da aproximação da natureza e da busca pela elevação espiritual de seus praticantes.

O consumo da *ganjah* em contexto religioso resistiu à repressão oficial promovida contra a planta no mundo ocidental, no último século; mas esse uso espiritual da erva e seu sentido sagrado não são enunciados sem polêmica no contexto brasileiro. Quando este tema do signo vem à tona na mídia brasileira, por exemplo, a recepção envolve estranhamento, euforia, controvérsia. Em enunciados concretos tudo isso fica mais evidente:

(A) Glória Maria viraliza nas redes **fumando maconha** em reportagem. Programa da Globo foi à Jamaica e repórter não se furtou de experimentar a 'ganja': "Recusar nem pensar". (O ESTADO DE S. PAULO, 2016)

(B) Glória Maria se diverte com **memes** na Jamaica, mas acha reação '**careta**'. Apresentadora leva na esportiva a repercussão de sua viagem ao país exibida no 'Globo Repórter' na sexta (O GLOBO, 2016)

(C) Glória Maria **experimenta maconha** em reportagem: "**Fiquei totalmente tonta**" (UOL, 2016)

(D) "Pior é que acham isso normal. O que vou falar pros meus filhos e netos????? **Péssimo exemplo.....**" (O ESTADO DE S. PAULO, 2016)

No jornalismo online de veículos tradicionais, a cobertura se baseou não na reportagem, mas em sua repercussão na internet, que reafirma a existência de uma polêmica. Mesmo quando há espaço para a circulação do tema da "ganja" enquanto erva sagrada, o que não é comum na mídia do Brasil, é à planta enquanto droga que enunciados como (A), (C) e (D) se referem, conformam mostram os trechos destacados.

A prática de cunho religioso e ligada a tradições de povos ancestrais foi esvaziada desse sentido e interpretada como uma prática recreativa, a de consumir drogas para fins de entorpecimento, como reforça o enunciado (C), focado em reafirmar os efeitos alucinógenos da planta, o que, portanto, vai ao encontro do senso comum que verificamos na imprensa e no dicionário.

O comentário do leitor, em (D), evidencia a disputa pelos sentidos do signo, mostrando que a recepção do discurso religioso sobre a maconha não foi apenas bem

humorada – como a da repórter, que comenta a reação “careta”, ou das redes sociais, em que os “memes” deram um tom de humor ao tema –, o que se vê em (B). Em oposição ao humor que ali circula, o conservadorismo é que determina o tom do discurso entre os comentaristas. O leitor exibe preocupação com o que seria, para um pai de família, a perigosa banalização de uma prática que, por aqui, não é legalizada (e que é geralmente associada a criminosos, viciados e marginais), e que gera constrangimento no ambiente familiar, para aqueles que têm filhos a quem dar bons exemplos.

Se na esfera religiosa, em determinados contextos culturais, o tema da erva sagrada é enunciável, na esfera jornalística e no senso comum ele é controverso, quando não refutado e ideologicamente incompreendido. Os valores conservadores e os discursos oficiais que emanam desses lugares enunciativos restringem a polêmica da maconha aos mesmos sentidos tantas vezes reiterados (o de droga ilícita, perigosa para o jovem e para a família), relegando outros temas possíveis à condição de não dito, ao esquecimento que os põe às margens do discurso dominante.

#### *4.2 Na esfera literária. Do cânhamo ao Pantagruelion: industrial, medicinal ou transcendental?*

A análise da significação nos verbetes do dicionário sugeriu que foram mais bem aceitos socialmente os usos industriais da planta, como vimos, associados ao signo *cânhamo*. No Brasil, apesar de o cultivo da planta para essa finalidade ter sido praticado, ele não se consolidou (CITAR), assim como a palavra, que não se popularizou na linguagem cotidiana. Na Europa, no entanto, a utilização de sua fibra como matéria-prima, principalmente da indústria têxtil foi tão importante que mereceu registros detalhados no contexto literário medieval/renascentista de François Rabelais. O autor descreve o cânhamo ricamente, em quatro capítulos de sua obra, *Pantagruel*.

No texto rabelaisiano, a erva aparece como valiosa fonte de matéria-prima para cordas e velas de navios rumo às explorações ultramarinas dos séculos XV e XVI. A despeito de sua importância comercial/industrial, o nome verdadeiro da planta, *cânhamo* não é mencionado em momento algum no texto. Sua imagem materializa-se verbalmente no signo *Pantagruelion*, nome dado por Rabelais à planta, que só se reconhece como cânhamo devido à precisa descrição botânica feita pelo autor, como aponta o próprio BAKHTIN (1987, p.329).

Investigar as razões pelas quais Rabelais se refere metonimicamente à planta foge dos objetivos deste artigo, mas talvez seja produtivo pensar que a necessidade de manter em sigilo o verdadeiro nome da erva advém das circunstâncias sócio-históricas da época. Nesse período, quando ainda eram praticadas perseguições de cunho religioso contra os que representavam algum tipo de “ameaça” ao pensamento cristão dominante na Idade Média, não eram enunciáveis os efeitos uma erva com poderes curativos ou terapêuticos que é, também, causadora de efeitos psicoativos. O “curandeirismo” e a magia não poderiam ser ditos em espaços de privilégio como o trabalho literário de um clérigo.

No entanto, o autor não cedeu a todas as coerções de sua época e sua obra não se adaptou aos “cânones e regras da arte literária vigentes desde o século XVI” (BAKHTIN, 1987, p. 2). Não se pode esquecer que Rabelais viveu numa época de crise do feudalismo e da teocracia, quando o oficial e o popular se misturavam, como nunca antes, numa mesma esfera de criação ideológica, a literatura (BAKHTIN, 1987). O

renascimento cultural, econômico e religioso, abalava as hegemonias desses discursos dominantes e começava a dar espaço a outras formas de interpretar o mundo.

Nesse contexto, é possível pensar que o tema da planta enquanto causadora de efeitos psicoativos é um dos sentidos do signo Pantagruelion, não dito explicitamente, como podia ser dito o tema da planta como fonte de valiosa matéria-prima. Ambos os temas são recuperáveis nos enunciados concretos que seguem. O primeiro está no capítulo sobre o preparo e o aproveitamento do célebre Pantagruelion:

À sombra, decorticar [descortiçar] e separar **as fibras** (as quais, como temos dito, **constituem todo o seu preço e o seu valor**) [...] Assim é ela posta em suas **inestimáveis virtudes**, das quais **vos exporei parte** (pois **todas expor é para mim impossível**). (RABELAIS, 1991, p. 615-616 negrito adicionado)

No fragmento, vemos que o tema da planta enquanto matéria-prima é aquele que pode ser enunciado explicitamente e que recebe valoração positiva, já que é esse uso do cânhamo, das fibras e fios feitos delas, que constituía sua maior virtude, à época, dado seu valor comercial. É a aplicação prática da planta na indústria e seu valor de troca no mercado que autorizam esses sentidos, desde o início do capitalismo, que apenas despontava no contexto rabelaisiano, mas já dava o tom dos discursos dominantes.

O tema da maconha enquanto erva provocadora de efeitos “transcendentais” não é explicitamente enunciado, mas parece não ser desconhecido para o autor. Talvez as razões que o impedem de expor todas as “inestimáveis virtudes” da planta estejam relacionadas à impossibilidade de enunciá-las, naquelas condições sócio-históricas, já que elas parecem não ser apenas comerciais/industriais, como se pode inferir a partir do trecho a seguir.

E) Também no pantagruelion se reconhecem tantas **virtudes**, tanta **energia**, tantas **perfeições**, tantos **efeitos admiráveis** [...] (RABELAIS, 1991, p. 619. Negrito adicionado)

Termos como *virtude*, *energia*, *perfeição* e *efeitos admiráveis* não parecem descrever apenas as propriedades e usos industriais/comerciais do cânhamo que, detalha o autor, são vários (no fabrico de cordas, sapatos e papel, por exemplo). Eles podem, é verdade, se referir, também, às propriedades médicas da erva, rapidamente descritas por Rabelais (1991, p. 619), e que não parecem, entretanto, maravilhosas ou admiráveis (trata dor de ouvido, cólicas em cavalos, dores reumáticas).

Na versão em inglês do mesmo fragmento do texto rabelaisiano, há um indício a mais que nos permite a interpretação segundo a qual não só os temas da maconha medicinal ou industrial aparecem em Rabelais:

F) So in this Pantagruelion have I found so much **efficacy** and **energy**, so much **completeness** and **excellency**, so much **exquisiteness** and **rarity**, and so many **admirable effects** and operations of a **transcendent nature** [...] (RABELAIS, 2004, p. 334. negrito adicionado)

Nota-se, inicialmente, maior quantidade de substantivos com valor positivo na versão em inglês, além dos que foram mencionados no fragmento em português, como *completeness*, *exquisiteness*, *rarity* (em tradução nossa, “completude”, “primor” e “raridade”) e, principalmente, “natureza transcendente” (*transcedent nature*). A quais

outros usos do cânhamo/pantagruelion o autor pode estar se referindo, senão aos inebriantes? Se já foram enunciados os sentidos do signo enquanto medicamento e matéria-prima, o que falta ser dito que não pode ser exposto, sobre tão admirável planta?

Se considerarmos a obra de Rabelais como um todo, o sentido potencial do signo Pantagruelion como planta causadora de efeitos transcendentais é, também, coerente com a obra do autor, dado seu caráter popular, não-oficial e carnavalesco. A planta que, conforme vimos no dicionário, é nomeada segundo vários termos populares, estaria, portanto, associada ao cotidiano, à cultura popular e viria carregada de um valor extraoficial.

Também seus efeitos inebriantes, acompanhados do riso e do relaxamento (CITAR) serviriam à construção da visão carnavalesca de mundo, característica do trabalho de Rabelais, em que os temas da embriaguez e do grotesco também recriam esses valores contrários à formalidade e a quaisquer formas de rigidez. Até mesmo a fome despertada pelo consumo da erva, se inseriria de maneira harmoniosa no todo da obra rabelaisiana, entre as imagens da boca, da deglutição, dos banquetes, elementos fundamentais na obra do autor (BAKHTIN, 1987).

Assim, ainda que no interior do signo Pantagruelion tenham agido forças coercitivas dos sentidos, provenientes da esfera religiosa (que pode ter censurado temas em desacordo com a ideologia cristã medieval) e econômica (já que o capitalismo, ainda em fase embrionária, já instaurava o predomínio dos interesses comerciais sobre quaisquer outros), é possível resgatar as contradições ideológicas desse signo. Para isso, tentamos recuperar outros fios dessa polêmica que se mostra, a cada movimento de cotejo, cada vez mais complexa, contrariando a homogeneidade que vimos nos enunciados de capa das revistas.

Finalmente, nos enunciados do *corpus*, o tema da “planta transcendental” permanece às margens, enquanto o tema da maconha como matéria-prima da indústria é atualizado, acompanhando as transformações na base econômica da sociedade. Isso porque, atualmente, o signo é valorado de acordo com os interesses da indústria farmacêutica (e não mais a naval ou a têxtil), como aprofundamos no próximo tópico.

#### *4.3 Na esfera científica. A erva Cannabis: uma droga perigosa ou um remédio proibido?*

Na esfera científica, a maconha só recebeu o nome de *Cannabis sativa*, no século XVIII, quando do trabalho de catalogação das espécies, na onda da revolução científica, que dava início à concepção de ciência moderna. O interesse da ciência pela planta só floresceu, porém, no século XIX, quando a medicina ocidental passou a dar mais atenção às propriedades curativas do cânhamo, legitimando o uso da planta como matéria-prima, dessa vez, da indústria farmacêutica.

O fato de o uso farmacêutico da maconha ter se popularizado entre as camadas urbanas, apenas no século XIX, não quer dizer que, antes disso, suas propriedades médicas e terapêuticas eram desconhecidas. Seu poder medicinal já era explorado em diversas culturas e os primeiros registros a respeito são quase tão antigos quanto aqueles que documentam seu uso como matéria-prima de tecidos e cordas – anteriores a 2000 a.C. (FRANÇA, 2015).

Os primeiros registros do tema da maconha como remédio apareceram em escritos da medicina milenar chinesa, mas as receitas à base de cânhamo para males diversos se espalharam na cultura hindu, árabe, ibérica e romana, por exemplo. Recomendada para dores reumáticas, constipação intestinal, dor de cabeça, de dentes, nervosismo, problemas respiratórios, cólicas, falta de apetite e uma miríade de problemas do corpo e da mente (FRANÇA, 2015), a *Cannabis* pode ter levado tempo para ser reconhecida como medicamento pela medicina formal, mas provavelmente, na cultura popular, a *maconha* nunca deixou de sê-lo – a despeito da “guerra às drogas”, declarada por países do mundo todo, já no século XX.

Nesse período, enquanto a repressão ao uso da planta se fortificou, a criminalização do usuário se consolidou como um valor social. Assim, os temas da maconha medicinal ou recreativa, por exemplo, podem ter permanecido interditos nas capas de revistas até o início do século XXI, mas seu consumo nunca foi reduzido, já que ela é, até hoje, a droga ilícita mais consumida no mundo (UNODC, 2015).

Se a proibição não foi capaz de frear o consumo, ela atravancou o desenvolvimento das pesquisas científicas, criminalizou vendedor e consumidor, fez com que os discursos oficiais adotassem um tom mais duro, limitando as possibilidades de significar do signo *maconha*, em torno do qual é possível dizer que se recriou um “tabu”. Na era moderna, eufemismos como “a erva” e generalizações como “as drogas” e “os tóxicos” restringiam a polissemia da palavra, silenciando seus outros sentidos possíveis.

Não eram dizíveis os temas que não estivessem de acordo com o discurso oficial da lei, segundo o qual a maconha é uma droga proibida, ou da ciência que, por muito tempo, se limitou a afirmar os perigos da droga. Apenas no início do século XXI, conforme vimos nos enunciados do *corpus*, é que o discurso científico (refratado na imprensa) passou a contemplar as propriedades médicas da droga. No entanto, em esferas menos coercivas, em gêneros discursivos menos rígidos, como a canção, por exemplo, é possível encontrar esses temas interditos em circulação.

As canções do sambista Bezerra da Silva tomadas como enunciados concretos mostram que a polêmica, silenciada em esferas de poder, encontra espaço nos discursos cotidianos e em vozes como a do cantor. Tendo vivido entre 1927 e 2005, ele vivenciou e cantou transformações sociais refletidas/refratadas no discurso sobre a planta no Brasil. Anos antes da imprensa tradicional começar a debater suas prováveis propriedades médicas, Bezerra já cantava o tema da maconha medicinal, por exemplo, na canção *Garrafada do Norte* (1992):

(G) E se Deus criou a natureza, e também as belezas desta vida/ Então me explique doutor, **por que é que esta erva é proibida?!** Olha aí, mas tem gente que diz todo prosa, **Esta planta é maneira e medicinal!** É só um chá da raiz **faz milagre**, e quem beber fica livre do mal/ **Ela alegre, ela inspira, ela acalma, e ainda deixa a moçada de cuca legal**

Bezerra canta as propriedades medicinais da “milagrosa”, “inspiradora” e “calmante” erva que, segundo ele, é tão divina e natural quanto qualquer outra criação de Deus. No entanto, o artista evita enunciar a palavra *maconha*, portadora da polêmica, provavelmente para evitar problemas com a lei, já que, desde a criminalização da planta,

a repressão policial tinha se consolidado como resposta aos discursos favoráveis a ela<sup>4</sup> – principalmente entre classes sociais menos favorecidas e grupos étnicos marginalizados.

Esta e outras canções de Bezerra da Silva mostram que, apesar de as valorações positivas do signo *maconha* terem sofrido a coerção de discursos oficiais, seus vários temas, ainda que não sejam ditos explicitamente, são enunciados por vozes que ressoam fora de espaços de poder, como aquelas da música popular.

Forças como as da oficialização de dizeres, da criminalização de discursos e do cientificismo legitimador de sentidos não silenciam as outras vozes dessa polêmica. Aliás, é interessante notar como são justamente as vozes da lei e da ciência, em função do mercado (10) e da indústria farmacêutica (11) que, hoje, legitimam o discurso da maconha medicinal e determinam os sentidos socialmente aceitáveis nas capas de revistas.

#### 4.4 *A marijuana, nos EUA, a diamba no Brasil: as imagens do sujeito “maconheiro”*

Finalmente, os últimos termos da lista de sinônimos, *marijuana* e *diamba*, apontam outros temas possíveis associados ao signo *maconha*, desta vez, relativos à imagem do sujeito “maconheiro”. Não faz diferença, nesta análise, se o termo se refere àquele que vende, como no enunciado (5), ou a quem fuma, como no enunciado (3). O que é relevante sobre a imagem do sujeito “maconheiro”, no discurso da imprensa (como mostra nosso *corpus*), é o desprestígio social associado a ele, refletido/refratado no próprio sufixo *-eiro*, geralmente associado a ocupações desprestigiadas e até marginalizadas (ALVARES, 2005).

A indeterminação sobre quem é o usuário e a indistinção entre vendedor e consumidor de drogas vigorou por muito tempo na lei, e foi responsável por criminalizar a ambos, contribuindo, num contexto mais amplo, para agravar a realidade do sistema prisional brasileiro e, no campo discursivo, para consolidar a imagem negativa do “maconheiro” no discurso do senso comum, confirmado no dicionário: “1. que ou aquele que é **viciado** em maconha; boqueiro, chincheiro, fumeiro. 2. que ou aquele que **tráfica** maconha” (MICHAELIS, 2016).

Viciado ou traficante, o sujeito “maconheiro”, quando aparece na imprensa, só pode ser um criminoso ou alguém que se corrompeu moralmente pelo vício, sendo que a escolha do enunciatador por uma ou outra valoração depende, por exemplo, da classe e da cor daquele que é nomeado pelo signo *maconheiro*, ou seja, da tomada de posição em conflitos ideológicos históricos, como aquele encerrado pelo racismo.

A rara presença da figura ou da voz do usuário no discurso da imprensa também é significativa, pois ali, conforme as análises que esboçamos, só há espaço para o discurso oficial da lei (que estabelece formalmente o que é ou não permitido) e para o discurso legitimador da medicina (que diz o que faz bem ou não à saúde). A voz do “maconheiro” só aparece no discurso da imprensa na forma de simulacro.

Cria-se uma imagem do sujeito baseada na interpretação que dele se faz, de acordo com os valores, concepções de mundo e posicionamentos ideológicos do próprio enunciatador, numa apropriação do conceito de simulacro de Maingueneau (2005). No

<sup>4</sup> Como bem exemplifica a prisão, por apologia ao uso de drogas, dos integrantes da banda Planet Hemp, que cantava, nos anos noventa e dois mil, temas semelhantes aos cantados por Bezerra (com outro estilo e outro acabamento formal).

enunciado (8), a gíria “barato”, se refere à embriaguez procurada por aquele que seria o usuário recreativo. Para esse enunciador, provavelmente, trata-se de um jovem desinformado (o falante que, geralmente, faz uso desse tipo de linguagem e que ainda não reconhece, por trás do barato, o “perigo das drogas”, sobre o qual a medicina vem alertar).

A imagem construída discursivamente para o usuário recreativo (atualizada a cada contexto, mas sempre valorada negativamente) parecer ter se estabilizado graças a razões históricas, socioeconômicas, étnico-culturais. Nos dois signos restantes, *marijuana* e *diamba*, e nos últimos enunciados cotejados neste artigo, encontramos esse mesmo tema do usuário recreativo, com diferentes acabamentos, em cada contexto, mas sempre marginalizado.

O primeiro, *marijuana*, é um dos termos mais usados em inglês para se referir à maconha. A palavra seria derivada da forma *marihuana*, em língua espanhola, e teria entrado para o léxico do inglês estadunidense no século XIX, a partir do contato com o espanhol do México (COLLINS, 2016). No início do século XX, foi a mídia impressa dos EUA que popularizou o signo, associando-o a grupos marginalizados, como os imigrantes, em oposição a termos como *hemp*, já que esta distinção servia para separar a matéria-prima da indústria farmacêutica do entorpecente das classes desprivilegiadas (ROBINSON, 1999) – como pode ter acontecido, no Brasil, com os signos *cânhamo* e *maconha*.

Assim, a valoração social negativa do signo pode ter advindo, no inglês, da construção de um simulacro de sujeito usuário de *marijuana* baseada na marginalização do sujeito imigrante. A palavra continua a ser recorrente na imprensa estadunidense, no século XXI, quando outros termos passam a ser preferidos, como *pot*, *weed* ou *Cannabis*, dado o valor científico recentemente reconhecido da droga. Estes aspectos são observáveis nos enunciados (H) e (I), a seguir:

(H) The United States of **Amerijuana** (TIME, 2010)

(I) **Weed**. The new Science of **marijuana** (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2015)

Com a construção do signo *Amerijuana*, junção de *America* e *marijuana*, A tradicional revista *Time* (H) sugere que “a droga dos imigrantes” havia, em 2010, invadido a “América”. Já o enunciado da revista *National Geographic* (I), refrata as transformações sociais mais recentes, evidenciando a distinção entre o signo que designa a droga recreativa (*marijuana*) e aquele que se refere à planta (*weed*), cujos valores medicinais foram comprovados pela ciência e já representam altíssimo potencial de lucro para o mercado.

No Brasil, o estigma do “maconheiro” pode ter tido origem ainda no período colonial e também parece estar associado à marginalização daquele que seria o seu principal consumidor, segundo os discursos dominantes da época: o escravo africano. Gilberto Freyre, em 1937, registrou essa associação entre a origem da planta e o negro africano:

A terra mais macia do litoral e da “mata” do extremo nordeste e do recôncavo da Bahia parece ter influido sobre seus próprios senhores – como sobre as próprias plantas terríveis no tipo da maconha, importada da África – amaciando homens do Norte agrário inteiro [...] (FREYRE, 1967, p. 12)

Nos dicionários, como mostramos, não só a etimologia da palavra *maconha* reafirma as raízes africanas da planta, mas a ocorrência de outros sinônimos originários de línguas bantas, como *liamba* ou *diamba* (do quicongo, segundo o dicionário). Este signo também aparece num enunciado concreto, na obra do mesmo autor, *Sobrados e mucambos*:

Mas essas tradições religiosas, como outras formas de cultura, ou de culturas negras, para cá transportadas, junto com a sombra dos próprios irocos sagrados, com o cheiro das próprias plantas místicas – a maconha ou a diamba, por exemplo – é que veem resistindo mais profundamente à desafrikanização. (FREYRE, 1936, p. 363),

Na referida passagem, Freyre não só resgata o tema da maconha como erva sagrada ligada à cultura africana, como também afirma que a permanência do costume até o século XX era sinal de que a *diamba* havia resistido bravamente às investidas contra tudo que estivesse associado ao negro e à sua cultura no Brasil.

Talvez seja esse mesmo conflito étnico e ideológico pudesse explicar a construção da imagem do usuário na imprensa e no senso comum, associada ao crime e à marginalidade. Afirmações desse tipo, no entanto, necessitam de mais pesquisas e análises, que não cabem nos objetivos deste artigo.

## 5. Considerações finais

Com as análises que procedemos, centradas no signo ideológico, na significação e no tema, vimos que o debate anunciado pela mídia é, na verdade, uma polêmica “reciclada”, ressignificada, à qual foi atribuído um novo acabamento, de acordo com os valores dessa esfera e da contemporaneidade (que são, afinal, os valores do mercado). No interior dessa disputa pelos sentidos do signo *maconha*, o que de “novo” o discurso da imprensa propõe – e vimos que não é novo, nem na mídia, muito menos na história –, é o tema da planta enquanto medicamento, oficializado pelas regulamentações oficiais, autorizado pelo saber da medicina e apropriado pela indústria farmacêutica.

No entanto, no discurso da imprensa tradicional (pelo menos nos enunciados verbais das capas que selecionamos), os temas realmente polêmicos do signo *maconha* continuam interditos – aqueles relativos, por exemplo, às razões de sua proibição, aos efeitos que ela tem na vida de consumidores de longa data (já que, geralmente, se fala dos efeitos em adolescentes), às consequências de sua criminalização para determinados grupos e classes sociais.

Isso mantém a polêmica na esfera jornalística num nível superficial, em que apenas se reafirmam valores tradicionais, como os da lei e da medicina. É Bakhtin/Volochínov quem afirma que “a classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 46).

Entretanto, com uma análise dialógica, como a que sugerimos, é possível resgatar algumas outras potencialidades temáticas do signo, que vão além de sua significação dicionarizada e reforçada pela imprensa, mas partindo dela e de seus aspectos linguísticos – como a relação de sinonímia apresentada entre os termos do verbete e o étimo de cada uma dessas palavras.

Também o cotejamento com enunciados de outras esferas possibilitou o resgate desses outros signos e sentidos possíveis, proporcionando uma melhor contextualização sócio-histórica da polêmica da *maconha* e uma compreensão mais aprofundada dos conflitos ideológicos que nela se dão. É claro que esse esboço de análise apresentado aqui serviu, apenas, para apontar os primeiros passos de um processo de compreensão dialógica que é muito mais profundo e que deve ter continuidade, por exemplo, com a análise dos enunciados do *corpus*, de seus aspectos verbo-visuais, com a ampliação do cotejo, com atenção às questões que tratam dos gêneros discursivos, da heterogeneidade, da polêmica.

Afinal, acreditamos que, somente seguindo a essas várias etapas, é possível contemplar outras vozes que compõem essa polêmica e que a tornam muito mais complexa do que aquilo que é refretado pela imprensa contemporânea, uma vez que o debate se sustenta em contradições ideológicas intrínsecas ao signo, como tentamos apontar no percurso histórico que aqui foi traçado.

## REFERÊNCIAS

- ALVARES, C. A. *Nome de profissões: uma oposição sufixal*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2005.
- BAKHTIN, M. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.
- CÂNHAMO. In: MICHAELLIS Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Melhoramentos, 2016. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>
- CEREJA, W. Tema e significação. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 201 – 220.
- FRANÇA, J.M.C. *História da maconha no Brasil*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- FREYRE, G. *Nordeste*. Aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Ed., 1967.
- \_\_\_\_\_. *Sobrados e Mucambos*. Decadência do patriarcado rural no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGe. *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. Caderno de estudos IV para iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 19-39
- MACONHA. In: MICHAELLIS Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Melhoramentos, 2016. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MARIJUANA. In: COLLINS. *English Dictionary*. Harper Collins Publishers, 2016. Disponível em: <http://www.collinsdictionary.com/>

MEDVIÉDEV, P.N. *O método formal nos estudos literários*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. São Paulo: Contexto, 2012.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Vol. 227, nº6. Nova Iorque: National Geographic Society, Junho de 2015.

RABELAIS, F. *Gargântua and Pantagruel*. Livro 3. Trad. David Jardim Júnior. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica Ediotas Reunidas, 1991.

\_\_\_\_\_. *Gargantua and Pantagruel*. Book III. In: *Five Books Of The Lives, Heroic Deeds And Sayings Of Gargantua And His Son Pantagruel*. Project Gutenberg. 2004. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/8168/8168-h/8168-h.htm>

ROBINSON, R. *O grande livro da Cannabis: guia completo de seu uso industrial, medicinal e ambiental*. Trad. Maria Luiza X. A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo. 07 de julho de 2016. Disponível em: <http://emails.estadao.com.br/noticias/tv,gloria-maria-viraliza-nas-redes-fumando-maconha-em-reportagem,10000060588>

O GLOBO. Rio de Janeiro. 07 de julho de 2016. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv,gloria-maria-se-diverte-com-memes-na-jamaica-mas-acha-reacao-careta-19633853>

TIME. Vol. 176, nº 21. Nova Iorque: Time Inc., 22 de novembro de 2010.

UNODC (United Nations Office On Drugs And Crime). *World Drug Report 2015*. Disponível em: <http://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/WDR-2013.html/>

UOL. São Paulo. 01 de julho de 2016. Disponível em: <http://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2016/07/01,gloria-maria-experimenta-maconha-em-reportagem-fiquei-totalmente-tonta.htm>

### **Revistas do corpus**

CARTA CAPITAL. nº 779. São Paulo: Editora Confiança, 16 de dezembro de 2013.

ÉPOCA. Edição 187. São Paulo: Editora Globo, 19 de novembro de 2001.

ÉPOCA. Edição 56. São Paulo: Editora Globo, 16 de fevereiro de 2009.

- GALILEU. nº 124. São Paulo: Editora Globo, novembro de 2001.
- GALILEU. nº 190. São Paulo: Editora Globo, maio de 2007.
- GALILEU. nº 231. São Paulo: Editora Globo, outubro de 2010.
- GALILEU. nº 258 . São Paulo: Editora Globo, janeiro de 2013.
- ISTOÉ. nº 2322. São Paulo: Editora Três, 28 de maio de 2014.
- SUPERINTERESSANTE. nº95. São Paulo: Editora Abril, agosto de 1995.
- SUPERINTERESSANTE. nº 179. São Paulo: Editora Abril, agosto de 2002.
- SUPERINTERESSANTE. A revolução da Maconha. São Paulo: Editora Abril, 2014.
- VEJA. Edição 2293. São Paulo: Editora Abril, 31 de outubro de 2012.
- VEJA. Edição 2347. São Paulo: Editora Abril, 13 de novembro de 2013.